

Memórias e Patrimônios

Quantas igrejas há
em uma igreja?

À primeira vista, a resposta parece simples: diante de nós estão duas torres, três portas e um único edifício. Entretanto, a Matriz que hoje conhecemos não é a igreja inaugurada em 1707, tampouco permaneceu igual depois da reconstrução concluída em 1853. Entre essas datas e o presente, mudaram os altares, os pisos, as pinturas, os sons e até a maneira de ocupar o espaço. Para compreender a igreja, é preciso atravessar as épocas que ela reúne: o pequeno núcleo colonial, a cidade do século XIX, as reformas do século XX e os desafios atuais de conservação.

ENTRE A FÉ, A CIDADE E A MEMÓRIA

Antes das torres,
uma capela

A história da Igreja Matriz Nossa Senhora do Bom Sucesso acompanha a formação de Pindamonhangaba. Antes da construção do templo no endereço atual, a vida religiosa da povoação se concentrava em uma pequena capela nas proximidades do atual Largo do Quartel. Parte da historiografia identifica sua dedicação original a São José, enquanto outras interpretações apontam que teria sido inicialmente dedicada a Nossa Senhora do Bom Sucesso, recebendo posteriormente a invocação de São José. As diferentes versões evidenciam a complexidade das origens religiosas do município.

Com o crescimento da povoação, surgiu a necessidade de um templo maior, construído no terreno ocupado pela atual Matriz. Sob a responsabilidade do padre João de Faria Fialho, a nova igreja foi inaugurada em 26 de julho de 1707, sob a invocação de Nossa Senhora do Bom Sucesso. Sua localização acompanhou a reorganização urbana da vila, consolidando o templo como referência religiosa e espaço de convivência comunitária. O edifício de 1707, entretanto, não corresponde à construção atual: uma profunda reedificação no século XIX e sucessivas intervenções posteriores transformaram sua arquitetura e seus espaços internos.



Divulgação

A Matriz não é a igreja inaugurada em 1707, tampouco permaneceu igual depois do término da sua reconstrução em 1853



Divulgação

Igreja passou por diversas versões



Imagem de NS do Bom Sucesso

CATARINA DE BRAGANÇA E A IMAGEM DA PADROEIRA

A devoção à padroeira guarda uma narrativa singular. Segundo a tradição local, Catarina de Bragança, rainha viúva da Inglaterra e regente de Portugal, esteve associada à elevação de Pindamonhangaba à condição de vila, por meio de carta régia, em 10 de julho de 1705, e à encomenda de uma imagem de Nossa Senhora

do Bom Sucesso, concluída em setembro daquele ano. Esculpida em barro cozido e policromado, com aproximadamente 105 centímetros de altura, a imagem constitui um importante testemunho da imaginária sacra vale-paraibana, expressando a relação entre religiosidade, arte e identidade cultural do município.

Doze anos para erguer outra matriz

Em 1841, a antiga igreja deu lugar a uma profunda reedificação, por iniciativa de Monsenhor Ignácio Marcondes. A condução dos trabalhos foi atribuída a Francisco Antônio Pereira de Carvalho, conhecido como Chiquinho do Gregório, com a participação do mestre de obras português José Pinto dos Santos. Inaugurada em 1853, após doze anos de obras, a nova Matriz passou a integrar a paisagem monumental da Pindamonhangaba oitocentista. Chiquinho do Gregório também teve seu nome associado à construção do Palacete Visconde da Palmeira, evidenciando as relações entre arquitetura religiosa e civil naquele período.

A expansão econômica da região, impulsionada pela produção cafeeira e sustentada pelo trabalho escravizado, forneceu o contexto para essas grandes construções. Entretanto, por trás de suas fachadas monumentais, permanecem histórias de inúmeros trabalhadores, cujas contribuições nem sempre foram registradas com a mesma atenção dedicada aos responsáveis pelas obras.

Divulgação



Reedificada em 1841, a Matriz assume o aspecto rico e monumental de hoje

A princesa Isabel e o Te Deum de 1868

Em dezembro de 1868, a Igreja Matriz reafirmou seu papel como um dos principais espaços de celebração pública de Pindamonhangaba, ao integrar as solenidades organizadas para receber a princesa Isabel e seu marido, o Conde d'Eu. A Câmara Municipal determinou a participação dos vereadores em um Te Deum na Matriz, cerimônia solene de louvor e ação de graças, incorporada ao protocolo oficial do Império. A celebração mobilizou a corporação musical, encarregada de preparar marchas e toques solenes, enquanto os moradores foram convidados a iluminar as fachadas de suas casas. Durante a visita do casal imperial, entre 14 e 16 de dezembro, a Matriz destacou-se como espaço de encontro entre religiosidade, poder político e vida comunitária, evidenciando sua centralidade na sociedade pindamonhangabense do século XIX.

Divulgação



A princesa Isabel era católica fervorosa

Editorial NOSSA MATRIZ

Fé, história e missão

A Igreja Matriz de Nossa Senhora do Bom Sucesso não é apenas um edifício no coração de Pindamonhangaba. É uma casa de fé, um lugar de encontro e uma testemunha silenciosa da história de nossa cidade. Desde a inauguração do primeiro templo, em 1707, passando pela reedificação concluída em 1853, muitas gerações deixaram aqui suas marcas: nas paredes, nos altares, nos sinos e, sobretudo, na oração.

As matérias deste fascículo nos convidam a olhar para a Matriz com gratidão e responsabilidade. Cada detalhe de sua arquitetura e de sua arte sacra revela o esforço de homens e mulheres que, em seu tempo, compreenderam a importância de cuidar daquilo que receberam. Em 1988, sua elevação a Santuário Mariano Diocesano reafirmou o lugar especial da devoção à nossa Padroeira.

Hoje, preservar esse patrimônio é também um compromisso de evangelização. Não restauramos apenas madeira, pintura ou pedra; cuidamos de sinais que ajudam a transmitir a fé e a memória às próximas gerações. Uma igreja viva não se conserva somente com recursos e técnicas, mas com uma comunidade que a ama, frequenta e assume sua missão. É um trabalho feito com muitas mãos, exigente, comprometedor, mas também gratificante. Escrever uma parte da história religiosa, cultural, histórica e educacional faz parte da missão assumida junto à frente da Paróquia.

Que Nossa Senhora do Bom Sucesso nos ensine a honrar o passado, servir no presente e preparar, com esperança e com renovada fé, o futuro.

Pe. Kleber Rodrigues da Silva

EXPEDIENTE

Fascículos do Patrimônio de Pindamonhangaba

Edição 04 | 28 de outubro de 2026

Publicação da Prefeitura de Pindamonhangaba, por meio da Secretaria de Cultura e Turismo – Divisão de Patrimônio Histórico, com a colaboração do Conselho Municipal de Patrimônio Histórico, Cultural, Ambiental e Arquitetônico de Pindamonhangaba – CMPHCAAP.

Pesquisa histórica e texto:
Divisão de Patrimônio Histórico

Colaboração:
Conselho Municipal de Patrimônio Histórico, Cultural, Ambiental e Arquitetônico de Pindamonhangaba – CMPHCAAP

Projeto gráfico e diagramação:
José Marcelo Randes

Fotografias e acervos:

Divulgação

Coordenação:

Mauro Celso Barbosa
Chefe da Divisão de Patrimônio Histórico

Impressão:

Fundação Dr. João Romeiro
Jornal Tribuna do Norte

Realização:

Prefeitura de Pindamonhangaba
Secretaria de Cultura e Turismo
Divisão de Patrimônio Histórico
Pindamonhangaba – SP | 2026

ENTRE TORRES, ALTARES E PINTURAS

A Igreja Matriz Nossa Senhora do Bom Sucesso reúne elementos arquitetônicos e artísticos de diferentes épocas. Sua fachada de composição neoclássica apresenta frontão, simetria e colunas de inspiração dórica, enquanto duas torres revestidas de azulejos portugueses marcam a paisagem do centro histórico. As três portas de entrada são tradicionalmente associadas às virtudes teológicas: Fé, Esperança e Caridade. Nas laterais, vitrais representam São Pedro e São Paulo, e, sobre o acesso principal, uma inscrição latina remete à casa de oração.

No interior, a nave central conduz ao altar de Nossa Senhora do Bom Sucesso, diante de um retábulo com azulejos de feição colonial portuguesa e nichos com imagens de São José e São Joaquim. À esquerda encontra-se a Capela do Santíssimo; à direita, a do Imaculado Coração de Maria. Altares e imagens representam diferentes devoções, entre elas São Benedito, Nossa Senhora de Fátima, São Miguel, Santo Antônio e Santa Rita de Cássia.

O teto da nave central, de formato curvo, apresenta quatro claraboias com vitrais de símbolos eucarísticos, além de pinturas que representam a Criação do Mundo, a Anunciação, a Crucificação e a Ressurreição. O conjunto inclui ainda



Teto da Matriz NS do Bom Sucesso

um painel dedicado a Nossa Senhora Auxiliadora. Pinturas, esculturas, vitrais, cerâmicas e trabalhos em madeira revelam sucessivas intervenções artísticas, acompanhando as transformações da religiosidade e do gosto estético ao longo das gerações. Mais do que ornamentos, constituem testemunhos materiais da história do templo.

Três jazigos, três personagens

Sob o piso da Igreja Matriz repousam três personagens ligados à história de Pindamonhangaba: o capitão Antônio Bicudo Leme, o cônego Tobias da Costa Resende e Monsenhor João José de Azevedo. Entre eles, destaca-se Bicudo Leme, reconhecido pela tradição histórica como um dos fundadores da cidade. Sua sepultura estabelece uma ligação simbólica entre o templo e as origens do município, reunindo, em um mesmo espaço, a memória de sua formação e a permanência da fé ao longo dos séculos.

Os outros dois jazigos preservam a memória de religiosos que participaram diretamente das transformações da Matriz. Em 1890, o cônego Tobias da Costa Resende coordenou uma importante reforma em seu interior. Décadas depois, Monsenhor João José de Azevedo, à frente da paróquia entre 1924 e 1975, acompanhou intervenções que contribuíram para a configuração atual do templo, entre elas a renovação do piso, inaugurada em 1941.



Monsenhor João J. de Azevedo esteve à frente da paróquia entre 1924 e 1975

Mais do que espaços funerários, esses sepultamentos constituem testemunhos materiais da história local. Sob o piso percorrido diariamente pelos fiéis, permanecem vestígios de diferentes gerações, revelando que a Igreja Matriz não apenas acompanhou a formação e o desenvolvimento de Pindamonhangaba, mas também se tornou um lugar de preservação de sua memória.

Uma igreja em constante transformação

A inauguração de 1853 não encerrou as obras. Em 1890, o cônego Tobias da Costa Resende promoveu uma reforma no interior do templo. No ano seguinte, o padre Francisco Reale mandou instalar grades frontais e calçar o adro com mármore. Em 1909, durante o paróquia do padre Ângelo Gazza, começou outra fase de intervenções, acompanhada por campanhas de arrecadação e mobilização de benfeitores. Na década de 1920, a capela-mor passou por nova transformação. Uma notícia publicada na *Tribuna do Norte* em 4 de setembro de 1927, recuperada posteriormente pelo próprio jornal, informava que os trabalhos, iniciados havia dois anos, estavam em fase final. O registro acrescenta vida à cronologia: revela uma obra acompanhada pelos moradores e conduzida durante o longo ministério do padre João José de Azevedo. Em 1941, foram inaugurados novos ladrilhos no lugar do antigo piso de madeira, além de revestimentos internos, e o templo passou por cerimônia de sagração presidida por Dom Francisco Borja do Amaral, então bispo de Lorena. A partir de 1952, Antônio Limones e seu filho Miguel Limones executaram trabalhos pictóricos e decorativos, concluídos em 1960. Enquanto muitas sínteses históricas registram apenas o ano de 1926 para a intervenção no presbitério, a edição de setembro de 1927 mostra que os trabalhos da capela-mor continuavam a mobilizar a paróquia e se aproximavam da conclusão. A diferença entre o projeto, o início das obras e sua fase final não é um detalhe irrelevante: restitui a duração concreta de uma transformação arquitetônica.

Em 24 de junho de 1988, durante o Ano Mariano, a Igreja Matriz foi elevada à categoria de Santuário Mariano Diocesano. A cerimônia foi presidida por Dom Antônio Afonso de Miranda, no período em que a paróquia era conduzida pelo padre Benedito Gil Claro. A mudança reconheceu a importância da devoção a Nossa Senhora do Bom Sucesso e ampliou a projeção religiosa do templo. O reconhecimento como santuário tem natureza eclesial e é distinto das medidas de proteção do patrimônio histórico.



Fachada atual: composição clássica

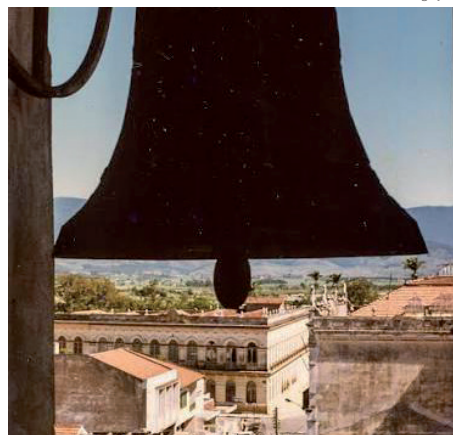
Em 1992, durante a atuação do cônego Benedito Gil Claro, houve reforma e pintura externas. Em setembro de 2008, sob a condução do cônego Luiz Carlos de Souza, começou outra intervenção, com pintura, substituição do telhado e restauração de portas e batentes. Em julho de 2017 assumiu como pároco Padre Kleber Rodrigues da Silva promovendo ações evangelizadoras com a comunidade pastoral, além de promover um importante trabalho em parceria com conselhos municipais e órgãos públicos, visando a promoção da preservação dos patrimônios históricos localizados no território paroquial. Em 2019, sob sua supervisão foram feitos levantamentos técnicos associados à Universidade de Taubaté que voltaram a chamar atenção para as necessidades do edifício. Em 2023, foram divulgados reforços estruturais na parede posterior, com investimento aproximado de R\$ 301 mil. Em 2026, a festa da padroeira também foi apresentada como ocasião de mobilização de recursos para a restauração.

O edifício integra o conjunto de referências históricas do município e exige cuidados compatíveis com sua antiguidade e com a diversidade de materiais que abriga. Proteger não significa impedir a vida do templo: celebrações e atividades continuam a fazer parte de sua história. O desafio está em conciliar uso, manutenção e conservação. Reformas que parecem simples, como trocar revestimentos ou pintar uma superfície, podem atingir vestígios de intervenções antigas. Por isso, decisões sobre o edifício precisam considerar sua trajetória arquitetônica e artística, com acompanhamento técnico e participação das instituições responsáveis.

A MEMÓRIA SONORA DA MATRIZ

Durante gerações, os sinos da Matriz anunciaram celebrações, falecimentos e acontecimentos importantes. No livro Cada Caso é um Causo, Moacir de Almeida recorda os antigos sinos de bronze, descritos como vindos da Itália, e o sineiro Augusto Lemes. Entre suas lembranças está o repique festivo de maio de 1945, quando a população recebeu a notícia do fim da guerra na Europa. O autor também narra um episódio de 1962, quando a proposta de substituir os sinos por um carrilhão provocou reação de moradores. Na narrativa, um dos instrumentos caiu e se quebrou; peças teriam seguido para o museu histórico e para a Igreja de São Joaquim, no bairro Boa Vista. Para a comunidade, o sino não era apenas bronze: era a voz familiar de um lugar. O pesquisador R. Murray Schafer chamou de paisagem sonora o ambiente reconhecido por seus sons. Nesse sentido, os sinos também integram a história sensível de Pindamonhangaba: lembram que a cidade foi vivida não apenas por suas ruas e edifícios, mas pelos sons que organizavam a experiência coletiva. O episódio de 1962 permite perceber uma tensão recorrente na história do patrimônio: a busca por equipamentos novos pode entrar em conflito com o valor afetivo de objetos antigos. A reação dos moradores, tal como narrada por Moacir de Almeida, mostra que a identidade de um sino não se resume à sua função prática. A menção ao sineiro Augusto Lemes é igualmente significativa: preservar a história dos sinos implica lembrar o ofício e o conhecimento de quem os fazia soar.

A história musical da Matriz ganhou outro marco em 6 de janeiro de 1964, quando foi inaugurado o órgão de tubos Maestro João Antônio Romão. Construído ao longo de aproximadamente cinco anos pelo mestre alemão Gustavo Weissemrieder, o instrumento reúne recursos de marcenaria, metalurgia, mecânica e acústica. Sua instalação ampliou as possibilidades musicais das celebrações e acrescentou ao templo um patrimônio sonoro de grande complexidade técnica. A história dos sinos e do órgão demonstra que a Matriz também pode ser compreendida por aquilo que se ouvia em seu interior e em seu entorno. As músicas das cerimônias, os repiques e as vozes dos fiéis acompanharam diferentes gerações e ajudaram a construir memórias compartilhadas.



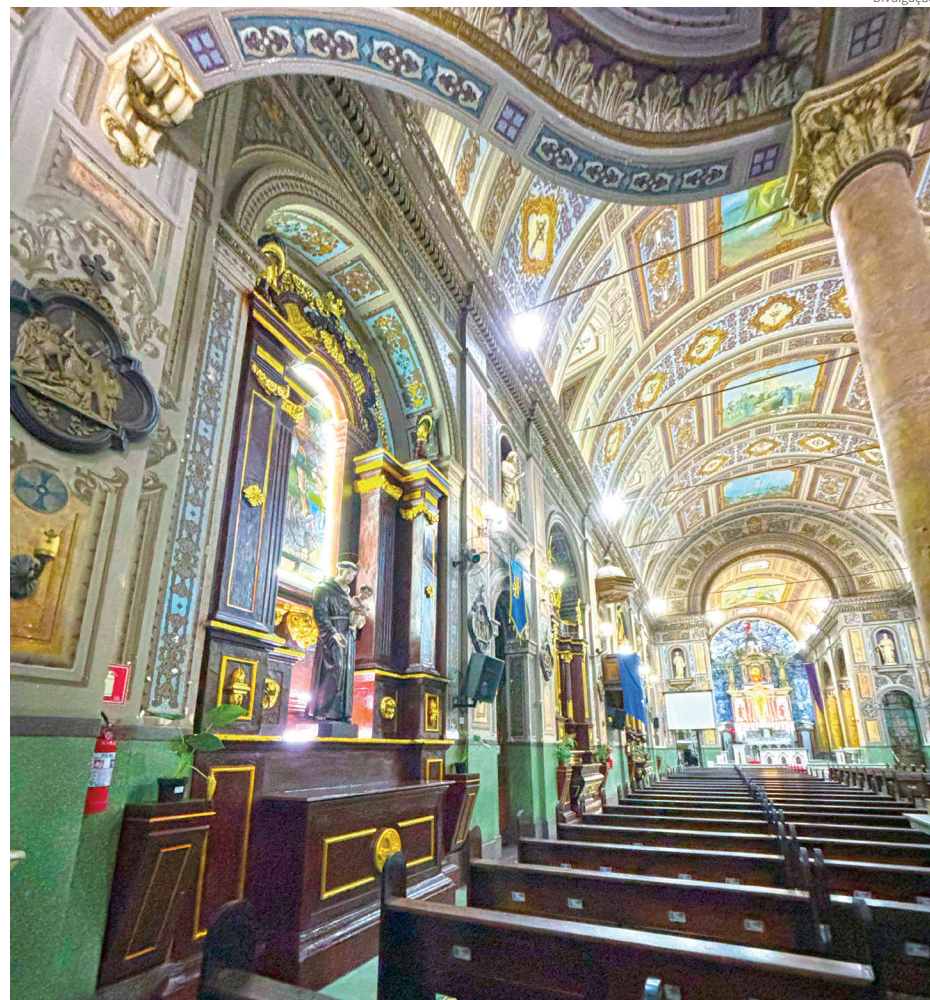
Visão desde o sino da Matriz



Nicho dedicado à Padroeira do Brasil



Um dos altares da Igreja Matriz



Na matriz, a resultado das transformações religiosas e estéticas ao longo do tempo

As muitas igrejas da Matriz

Quantas igrejas existem, afinal, dentro de uma mesma igreja? A Matriz de Nossa Senhora do Bom Sucesso reúne a capela que antecedeu suas torres, o templo inaugurado em 1707, a construção de 1853 e as muitas reformas realizadas desde então. A permanência do edifício não significa imobilidade: sua identidade foi sendo construída por diferentes gerações. Conhecer essas camadas é reconhecer que a história de Pindamonhangaba continua presente em suas paredes, em seus objetos e nas pessoas que dão sentido a esse patrimônio. Preservar a Matriz é, acima de tudo, permitir que essas histórias continuem a ser conhecidas e transmitidas.

REFERÊNCIAS E FONTES

MARCONDES, Athayde. História de Pindamonhangaba. Seção "Igreja Matriz".

TV APARECIDA. Paróquias pelo Brasil: conheça a Matriz de Nossa Senhora do Bom Sucesso. Reportagem exibida em 4 set. 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cYooejEiypQ>.

TRIBUNA DO NORTE. Igreja matriz, a reconstrução de 1927. 31 maio 2022. Pesquisa em edição de 4 set. 1927.

TRIBUNA DO NORTE. Há 100 anos: programação da Paróquia Nossa Senhora do Bom Sucesso para a Semana Santa. 16 abr. 2025. Pesquisa em edição de 5 abr. 1925.

PARÓQUIA NOSSA SENHORA DO BOM SUCESSO. História da paróquia e Nossa Padroeira. Consulta on-line.

PREFEITURA DE PINDAMONHANGABA. Igreja Matriz e Prefeitura lançam Festa de N. S. Bom Sucesso. 17 ago. 2026.

SANTOS, Glauco de Souza. 1868: um bosque para uma Princesa. Almanaque Urupês, 5 set. 2015. Pesquisa baseada nas atas da Câmara de Pindamonhangaba de 10 e 16 dez. 1868. <https://almanaqueurupes.com.br/1868-um-bosque-para-uma-princesa/>.

PREFEITURA DE PINDAMONHANGABA. História. <https://www.pindamonhangaba.sp.gov.br/cidade/historia>.

FIQUE ATENTO AO PRÓXIMO MEMÓRIAS E PATRIMÔNIO